

Oposição chilena fala em possível conflito social

O candidato presidencial da oposição no Chile disse ontem, em Bruxelas, que deve ser encontrada outra solução para aliviar alguns dos pagamentos da dívida chilena, enquanto o país se esforça para introduzir a democracia.

Patrício Aylwin, escolhido por 17 grupos políticos para concorrer às eleições de 14 de dezembro, pediu também a cooperação dos países europeus para o desenvolvimento econômico do Chile.

Aylwin, que está fazendo uma viagem de duas semanas às capitais da Europa Ocidental, disse que, embora a economia do Chile tenha crescido nos últimos cinco anos, o abismo entre ricos e pobres se alargou e poderá gerar distúrbios sociais.

“Esperamos que os países europeus, que apoiamos nossa luta pela democracia, nos darão a cooperação de que precisamos para realizar o desenvolvimento econômico e social, vital para garantir a democracia”, afirmou.

Aylwin disse que a dívida externa chilena, de US\$ 18 bilhões, corresponde a 85% de seu Produto Nacional Bruto. “No próximo ano, teremos de pagar US\$ 3,5 bilhões simplesmente para saldar os juros de nossa dívida”, informou.

Suas conversações com

Abel Matutes, membro da Comissão Européia encarregado das Relações com a América Latina, se concentravam na futura cooperação da CEE com o Chile e na possibilidade de estabelecer um acordo básico “para ajudar a reforçar as estruturas econômicas e democráticas” do Chile.

FILIPINAS

O recente acordo entre as Filipinas e seus bancos credores comerciais, no valor de cerca de US\$ 1 bilhão, não será suficiente para financiar o ambicioso plano econômico do país, disse a ex-secretária do Planejamento, Solita Monsod.

Na realidade, as Filipinas só receberão esse dinheiro depois que o pacote de financiamento de US\$ 1 bilhão, receber a adesão de um consórcio de bancos.

“Isso não é suficiente, em comparação com o que nós precisamos. Se temos objetivos, como um crescimento de 6,5%, a criação de empregos para um milhão de pessoas e a redução da incidência da pobreza, então precisamos de recursos”, disse Monsod, que renunciou ao seu posto no gabinete em junho passado, depois de alegar “divergências inconciliáveis” com seus colegas do governo.

(AP/Dow Jones)